



PRECARIIDADE E EDUCAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM ESCOLAS PÚBLICAS DO RIO DE JANEIRO

Laura Caetano Almeida Lethbridge¹
Bruna de Oliveira Cavalcante²
João Vitor Barroso da Silva³
Laura Aparecida Teixeira Ferreira Braz⁴
Alexandre Sá Barretto da Paixão⁵

O Departamento de Ensino de Arte e Cultura Popular (DEACP) do Instituto de Artes (IART) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) vêm desenvolvendo, sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Sá Barretto da Paixão, com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Projeto Residência Pedagógica, que prevê a aproximação de estudantes de licenciatura em Artes Visuais do cotidiano docente da rede pública de ensino, seus desafios e implicações.

Foi através deste projeto que quatro bolsistas passaram a acompanhar regularmente as aulas de professores de Artes Visuais de três instituições da rede pública de ensino: Colégio Estadual Maria Therezinha de Carvalho Machado - localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, no bairro da Praça Seca -, Colégio Estadual Paulo de Frontin - que fica na Zona Norte do Rio de Janeiro, no bairro da Praça da Bandeira - e Escola Municipal Rivadávia Corrêa - localizada no Centro da cidade.

No contato com as escolas e em conversas entre os bolsistas, ficou evidente como o descaso com a educação pública é uma pauta que atravessa a experiência no Programa Residência Pedagógica de maneira conjunta e constante: a falta de estrutura, o desmonte, a desvalorização docente, a sobrecarga, entre outros exemplos, chamavam a atenção dos bolsistas, visto que aconteciam simultaneamente e de forma análoga, apesar das especificidades, nas três instituições acompanhadas. Partindo da aproximação entre teorias de

¹ Graduanda do Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, lauraalethbridge@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, brunacavalcante152@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, joaovb02@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, lauraaparecidabraz@gmail.com;

⁵ Professor orientador: Doutor em Artes Visuais, Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, alexandresabarretto@gmail.com.



autores como Judith Butler e bell hooks e da percepção de diferentes manifestações de violência que marcaram a atuação e observação crítica dos bolsistas, mapeamos essas precariedades, a fim de compreendê-las em profundidade.

Em seu livro “Vida Precária: os poderes do luto e da violência”, a filósofa Judith Butler traz contribuições importantes para pensarmos a respeito das violências e precariedades sobre as quais nos propomos a discutir. A partir da experiência dentro de sala de aula e da observação-participante nas escolas, fomos capazes de perceber o que descreve Butler de maneira vívida.

Essas violências e ausências que chegaram a desembocar na greve dos professores do Estado do Rio de Janeiro, aderida pelas duas escolas estaduais nas quais estamos atuando como residentes, foram observadas em diferentes formas e manifestações no dia a dia das escolas e através das conversas com os professores supervisores, nos atravessando no contato com o cotidiano docente. Observa-se um histórico de precarização do trabalho do professor e da estrutura das escolas públicas do Rio de Janeiro, e pode-se compreender as violências entendidas aqui como, por exemplo, a violação do direito de professores e funcionários administrativos à condições dignas de trabalho, e o dos alunos à uma educação pública de qualidade.

Ao pensar essa realidade de precariedade traçamos um paralelo com o pensamento de Butler, que nos diz sobre como “existem meios de distribuir vulnerabilidades, formas diferenciadas de alocação que tornam algumas populações mais suscetíveis à violência arbitrária do que outras” (BUTLER, 2017, p. 12). As comunidades escolares das redes públicas do Rio de Janeiro são colocadas em situação de vulnerabilidade, visto as diversas violências a que são expostas, como o descaso do poder público em relação às escolas e sua estrutura e condições materiais, o desrespeito ao trabalho, a formação docente e com questões relacionadas à permanência estudantil.

No dia a dia das escolas do estado do Rio de Janeiro pode-se perceber a presença da violação de direitos e a precariedade também no salário dos professores abaixo do piso nacional e de funcionários administrativos abaixo do salário mínimo nacional; no modelo e realidade da aplicação do Novo Ensino Médio e no desrespeito ao trabalho docente. Essas devem ser reconhecidas como violências, para que não aconteça “que certas perdas não sejam declaradas como perdas e de que a violência seja desrealizada e difusa.” (BUTLER, 2019, p. 37-38). No caso em questão, essas perdas seriam os direitos violados e as outras faltas trazidas pela precarização, percebidas tão corriqueiramente no ambiente escolar por nós. Vale

lembrar, ao pensar nesse cenário, a máxima de Darcy Ribeiro: “A crise da educação pública no Brasil não é uma crise, é um projeto”.

Essa conhecida frase nos leva a pensar sobre o histórico de precarização da educação pública no Brasil, hoje marcada pelo, cada vez maior, impacto das políticas neoliberais, que se fazem presentes na educação num contexto de disputas. A lógica de valorização do empreendedorismo juntamente com narrativas meritocráticas chegam nas políticas públicas para a educação, como no caso do projeto do Novo Ensino Médio.

Além do contato frequente com as escolas, adotamos a metodologia de pesquisa qualitativa humanista a fim de compreender os efeitos da precariedade a partir do relato de estudantes e professores preceptores. No C. E. Maria Therezinha, o docente assumiu recentemente uma série de turmas referentes ao novo sistema curricular do Ensino Médio, havendo redução de sua carga de trabalho em Artes e a sua realocação em disciplinas as quais não possui formação ou capacitação para lecionar, como a disciplina Projeto de Vida. Para além disso, foi possível observar os alunos tendo suas cargas horárias reduzidas sem prévia comunicação por conta de reuniões internas da instituição, o que gerava, para repor as aulas que seriam perdidas, salas de aula sobrecarregadas, com cerca de 60 alunos.

Já no Colégio Estadual Paulo de Frontin presenciamos cenas de desrespeito ao trabalho docente, em que a professora preceptora teve sua carga horária alterada, assim como seus horários de trabalho, sem aviso prévio, sendo avisada apenas ao chegar à escola no dia, dificultando a existência de um planejamento, fundamental à prática da profissão.

Foi possível, ainda, notar uma similaridade com relação ao que vinha ocorrendo nas outras instituições, na E. M. Rivadávia Corrêa a professora foi alocada para ministrar na mesma semana mais tempos de aula para as mesmas turmas por haver falta de professores. Esta situação desencadeou numa exaustão para a profissional, uma vez que era demandado mais planejamento e mais disposição dela. Além disso, era notório a falta de materiais básicos para as propostas elaboradas pela professora. Nas aulas observadas, era presente o uso de folhas usadas, tintas vencidas e com poucas variedades, e pincéis desgastados que, além de escassos, eram revezados pelos estudantes.

Os exemplos relatados, a exaustão e o abandono que caracterizam as situações das escolas colaboram para dificultar a criação de laços e sentido de comunidade. Nessas comunidades, a compreensão da importância de se trabalhar em parceria com o estudante, seus anseios e necessidades, assim como defende bell hooks em “Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança”, fica evidente. A autora nos fala ainda sobre a perda do

sentimento de comunidade, problema ao qual devemos nos atentar quando pensamos as questões sobre as quais é proposto debruçar-se aqui:

“Um dos perigos que encaramos em nossos sistemas educacionais é a perda do sentimento de comunidade, não apenas a perda de proximidade com as pessoas com quem trabalhamos e nossos alunos e alunas, mas também a perda de um sentimento de conexão e proximidade com o mundo para além da academia” (HOOKS, 2003, p. 21)

Por fim, essa afirmação de hooks nos permite concluir que, para combater a precariedade em seu sentido mais amplo, é necessário criar um ambiente de ensino-aprendizagem em que sejam desenvolvidas relações dialógicas e comunidades de aprendizado.

Palavras-chave: Residência Pedagógica, Precariedade, Violência, Greve, Cotidiano escolar.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à CAPES pelo financiamento, às escolas parceiras pela receptividade e aos professores receptores pela orientação, carinho e apoio.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Violência, Luto, Política. In: BUTLER, Judith. **Vida Precária**, Os Poderes do Luto e da Violência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021.